

CONCEITOS E TEORIAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CONCEPTOS Y TEORÍAS DE LA EDUCACIÓN A DISTANCIA
DISTANCE EDUCATION CONCEPTS AND THEORIES

Adriano Nogueira Silvano
Universidade de Lisboa
Cargo: Estudante de Doutoramento
<https://orcid.org/0000-0002-9499-3749>
E-mail: adrianonogueirasilvano@gmail.com

ARTIGO CIENTÍFICO
Submetido em: 19/11/2022
Aprovado em: 08/12/2022

RESUMO

O termo educação a distância presta-se a algumas ambiguidades de interpretação devido aos muitos diferentes contextos de aprendizagens que recorrem a essa modalidade de ensino e formação. A partir das teorias clássicas da EaD, pretende-se identificar os elementos conceptuais da disciplina, bem como distinguir os novos conceitos utilizados na sua prática com a popularização das novas tecnologias. Conclui-se que a EaD constitui um modelo pedagógico marcado pela separação, espacial e/ou temporal, de alunos e professores no processo de aprendizagem, os quais são auxiliados pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC) – unidirecionais, bidirecionais e multidirecionais – planeados, elaborados e organizados por uma instituição de ensino, responsável pelo funcionamento da ação educativa e a certificação das aprendizagens dos seus alunos.

Palavras-Chave: Educação a distância. Teorias da EaD. Gerações de inovações tecnológicas. Educação on-line.

RESUMEN

El término educación a distancia se presta a algunas ambigüedades de interpretación debido a los diferentes contextos de aprendizaje que utilizan esta modalidad de enseñanza y formación. A partir de la revisión bibliográfica de las teorías clásicas de la Educación a Distancia, se pretende identificar los elementos conceptuales de la disciplina, así como distinguir los nuevos conceptos utilizados en su práctica con la popularización de las nuevas tecnologías. Se concluye que la EaD constituye un modelo pedagógico marcado por la separación, espacial y/o temporal, de estudiantes y docentes en el proceso de aprendizaje, los cuales son auxiliados por las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) -unidireccionales, bidireccionales y multidireccionales - planificadas, preparadas y organizada por una institución educativa, que es también responsable del buen funcionamiento de la acción educativa, así como de la certificación de los aprendizajes de sus alumnos.

Palavras Clave: Educación a distância. Teorias da educación a distancia. Generaciones de innovaciones tecnológicas. Educación em línea.

ABSTRACT

The term distance education lends itself to some ambiguities of interpretation due to the many different learning contexts that use this modality of teaching and training. Based on the literature review of classical Distance Education theories, the aim is to identify the conceptual elements of the discipline, as well as to distinguish the new concepts used in its practice with the popularization of new technologies. It is concluded that EaD constitutes a pedagogical model marked by the separation, spatial and/or temporal, of students and teachers in the learning process, which are aided by information and communication technologies (ICT) - unidirectional, bidirectional and multidirectional - planned, prepared and organized by an educational institution, which is also responsible for the proper functioning of the educational action, as well as for the certification of the learning of its students.

Keywords: Distance education. Distance education theories. Generations of technological innovations. On-line education.

1 INTRODUÇÃO

O termo ‘educação a distância’ está sujeito a algumas ambiguidades de interpretação devido aos muitos diferentes contextos de aprendizagens que recorrem a essa modalidade de ensino e formação. São diversos os autores que têm concordado sobre a dificuldade de estabelecer uma definição para Educação a Distância (GOMES, 2003; LAGARTO, 2009). Gomes (2003) alerta que a necessidade de clarificar os aspetos terminológicos decorre de estes estarem associados também a aspectos conceptuais.

Keegan (1997) chama a atenção para o fato de que nem todas as terminologias são sinônimas, sendo muitas delas utilizadas em diferentes épocas do seu processo histórico e outras aplicadas especificamente em determinados países, como, por exemplo, “Estudos Externos”, na Austrália; “Teleducação”, em Portugal; “Educação a Distancia”, em Espanha; “Telensino” ou “Educação a distância”, em França; “Estudo ou Ensino a Distância”, na Alemanha; “Estudo por Correspondência”, no Reino Unido; “Estudo em Casa” ou “Estudo Independente”, nos Estados Unidos da América.

Não se trata apenas de se identificar formulações diferentes de expressões como “educação a distância”, “ensino a distância”, “aprendizagem aberta”, “estudo independente”, “estudo por correspondência”, “aprendizagem aberta”, “aprendizagem flexível”, “*home study*” (estudo em casa, tradução livre), “estudos externos”, etc., mas sim de identificar as diferenças conceptuais

significativas, que por vezes ficam camufladas por trás da utilização do termo. No mesmo sentido, essas diferenças, nos campos da educação e da pedagogia, podem ser muito relevantes, por ter influências diretas nas relações entre autores e leitores, professores e produtores de materiais de ensino, entre outros (GOMES, 2003, P. 1).

São objetivos do ensaio, na primeira parte, reconhecer sumariamente as teorias clássicas da EaD; na segunda e terceira seções, identificar as gerações de inovações tecnológicas no ensino a distância e distinguir novos conceitos na educação com a popularização da educação *on-line*, do ensino remoto e dos *mobiles*, respetivamente. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 TEORIAS CLÁSSICAS DA EAD

Desde o final da década de 1960, a literatura tem apresentado modelos teóricos da EaD que nos ajudam a compreender o seu fenômeno. No entender de Holmberg (1986), as considerações teóricas levam a respostas sobre o que se espera da EaD e abrem caminho para a confiança metodológica na prática da disciplina.

A literatura tem destacado quatro linhas teóricas da EaD pelo seu alcance e influência:

- Teorias da Independência e da Autonomia – como a Teoria da Distância Transacional de Moore (1973) e a Teoria do Estudo Independente de Wedemeyer (1981).
- Teorias da Industrialização – como a proposta de Petters (1973) e Sewart (1984).
- Teorias da Interação e Comunicação – como a abordagem de Börge Holmberg (2005).
- Teorias que sintetizam as anteriores – tais como as teorias de Perraton (1988), Simonson (1999) e Keegan (1997).

Apresentar-se-ão sumariamente, nos próximos títulos, as principais bases conceptuais da EaD.

2.1 TEORIAS DA INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA

O norte-americano Charles Wedemeyer propôs a Teoria do Estudo Independente (1971), um termo genérico para uma variedade de atividades de ensino-aprendizagem – estudos por correspondência, educação aberta, ensino de rádio e televisão, aprendizado individual, aprendizagem ao longo da vida.

Segundo Diehl (2011), Charles A. Wedemeyer (1911-1999) foi um dos primeiros a desenvolver a teoria da educação a distância. Através de sua liderança em instituições influentes

como a Universidade de Wisconsin, a *National University Extension Association* e o *International Council for Open Education and Distance Education*, desenvolveu uma rede global de colegas e colaboradores. Suas opiniões sobre educação aberta, estudo independente e aprendizado independente tornaram-se conhecidas no mundo todo.

Wedemeyer colocou a teoria em prática por meio da criação do programa experimental de Mídia Instrucional Articulada na Universidade de Wisconsin, como o primeiro bolsista da Kellogg na Universidade de Oxford e consultor durante os anos de formação na Universidade Aberta do Reino Unido. Desenvolveu conceitos de um método pedagógico inovador baseado na teoria do sistema que combinou várias tecnologias e mídias a distância na educação.

Na década de 1970, esses conceitos foram disseminados em todo o mundo, resultando no estabelecimento de dezenas de Universidades Abertas que proporcionaram oportunidades para milhões de estudantes de todo o mundo. Em seu livro *Learning at the Back Door: Reflections on Non-Traditional Learning in Lifespan* (1981), Charles A. Wedemeyer identificou a aprendizagem aberta ou independente como um grande novo desenvolvimento na educação, veículo para uma nova era no ensino superior (Diehl, 2011).

No entender de Wedemeyer (1971), o Estudo Independente consiste em várias formas de organização de ensino-aprendizagem em que os professores cumprem as suas tarefas e responsabilidades separadamente, comunicando de várias maneiras.

“Seus objetivos são liberar os alunos do campus, com a oportunidade de continuar aprendendo em seus próprios ambientes e desenvolver a capacidade de continuar o aprendizado autodirigido com a maturidade esperada de uma pessoa educada” (PRYARI, 2011, p. 94, tradução nossa).

Na visão de Keegan (1997), o pensamento de Wedemeyer é generoso, liberal e estrutura-se sobre os pilares da social-democracia e da filosofia educacional liberal. Para Wedemeyer, a ninguém pode ser negada a oportunidade de estudar, independente do seu nível social, da sua localização ou por qualquer outro motivo. Wedemeyer propõe que o estudo independente deve ser individualizado, oferecendo liberdade na escolha dos objetivos a alcançar pelo aluno.

A complementar as propostas de Wedemeyer, para Michael Moore (1973) a EaD é um conjunto de métodos de ensino em que as ações dos professores e dos alunos são executadas em momentos diferentes. Na sua Teoria da Distância Transacional (1973), Moore compreendeu que a EaD não é simplesmente uma separação geográfica entre alunos e professores, mas, ainda mais importante, que EaD é um conceito pedagógico.

Moore (1973) explana que o conceito de distância transacional se verifica entre professores e alunos num ambiente, tendo como característica especial a sua separação, o que leva a padrões especiais de comportamentos dos sujeitos participantes durante o processo educativo. Para o teórico, é a separação de alunos e professores que afeta profundamente o processo de aprendizagem (Moore, 1973).

Nesse sentido, com a separação física, existe um espaço psicológico de comunicação a ser atravessado e um espaço potencial de distanciamento entre os comportamentos do professor e os comportamentos dos alunos. Para Moore (1973), isso é um aspecto psicológico e um aspecto de comunicação, que definimos por distância transacional. Saba (2014) comenta:

A teoria da distância transacional (...) ampliou o horizonte para o campo e abriu o caminho para conceituar a distância como uma variável que muda ao longo do tempo à medida que uma sessão instrucional avança. Isso implicava que a distância na educação é uma construção psicológica, bem como geográfica. Em seus primeiros estudos, bem como explicações posteriores da teoria da distância transacional, Moore afirmou que a distância na educação, ou distância transacional, é uma construção psicológica que depende de três variáveis (“macrofatores”) de diálogo, estrutura e autonomia (SABA, 2014, S.P., tradução nossa).

Moore e Wedemeyer compartilharam ideias sobre o campo emergente da educação a distância e sobre o que Wedemeyer (1971) se referiu como Estudo Independente. Moore (1973) expandiu essas ideias e começou a teorizar sobre a autonomia do aluno, a partir de trabalhos semanais que o fez desenvolver a teoria da distância transacional (Diehl, 2011).

2.2 TEORIAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Essa vertente teórica compreende a EaD como um processo industrializado de ensinar e aprender, no sentido da divisão do trabalho, no planejamento e na execução da ação educativa, em todo seu espectro, caracterizando, assim, uma educação centralizada na instituição de ensino, ao contrário do que acontecia na educação presencial, em que a figura central é o professor.

Para Petters (1967), Educação/Ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimentos, habilidades e atitudes, por meio da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, pelo uso intensivo dos meios de comunicação, especialmente com o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível a instrução simultânea de muitos estudantes.

(...) As pessoas percebem que essas e outras características do estudo a distância são as mesmas que podem ser encontradas em um processo produtivo industrializado. Explicitamente, essas ideias são expressas usando a imagem de um professor em sala de aula trabalhando como um artesão, em oposição a um professor ser parte de um complicado sistema de ensino-aprendizagem organizado como um processo industrializado. O bordão ‘industrializado a partir da instrução’ ajuda a reconhecer elementos estruturais típicos do estudo a distância. (PETTERS, 1967, S.P., tradução nossa)

A aprendizagem a distância pode apenas ser econômica com uma concentração de ferramentas disponíveis e a gestão centralizada do processo educativo. Na mesma linha de Peters (1988), o desenvolvimento de cursos a distância deve ser formalizado com as expectativas dos alunos por uma instituição de ensino, responsável pelo planejamento e organização da ação educativa.

2.3 TEORIA DA INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Para o sueco Börge Holmberg (1983), a EaD é uma forma de estudo, de qualquer nível, quando os alunos não estão sob a direta e imediata supervisão de professores/tutores, no mesmo local. No seu entender, a EaD abrange os processos de aprendizagem nos domínios cognitivo e/ou psicomotor e afetivo de um estudante individual, com o auxílio de uma instituição de apoio. Holmberg (2005) compreende que a EaD só pode existir com o planejamento, organização, direção e instrução por parte de uma entidade de educação.

A educação a distância é um conceito que abrange as atividades de ensino-aprendizagem nos domínios cognitivo e/ou psicomotor e afetivo de um aprendiz individual e de uma organização de apoio. Caracteriza-se pela comunicação não contígua e pode ser realizado em qualquer lugar e a qualquer hora, o que o torna atrativo para adultos com compromissos profissionais e sociais” (HOLMBERG, 1989, P. 168, tradução nossa).

Segundo o próprio autor, em sua obra “Teoria e prática da educação a distância” (2005), a sua Teoria da Conversa Didática implica a comunicação consistente e não contígua entre a organização de apoio e os seus alunos. Essa comunicação pode ser de dois tipos:

1. Comunicação unidirecional: sob a forma de material de curso, pré-produzido, enviado pela organização de apoio, a envolver estudantes em interação com textos, o que pode ser descrito como uma comunicação simulada. Como exemplos dessa categoria, poderiam ser citados, o texto impresso e outros recursos audiovisuais.
2. Comunicação bidirecional: como por exemplo, a comunicação real entre estudantes e a organização de apoio e seus tutores. Essa categoria poderia ser exemplificada com tecnologias como o telefone, o fax, o correio eletrônico etc.

A minha teoria da educação a distância como método de conversação didática guiada implica que o caráter de uma boa educação a distância se assemelha ao de uma conversa guiada visando o aprendizado e que a presença dos traços típicos dessa conversa facilita o aprendizado. (HOLMBERG, 1986, P. 15, tradução nossa).

2.4 A TEORIA DE KEEGAN

Keegan (1997) concorda que a EaD é caracterizada pela quase total separação entre professor e aluno, durante o processo de aprendizagem, mas nem todas as formas de ensino remoto podem ser consideradas EaD.

No entender de Keegan, enquanto no ensino presencial a figura e a personalização pedagógica do professor influenciam o sucesso da aprendizagem, na EaD, o sucesso depende de uma equipe de professores com diferentes habilidades. No seu sistema de EaD, a figura da instituição de ensino é responsável por todas as etapas do processo educativo, com o planejamento e preparação dos materiais e a disponibilização de serviços de apoio ao estudante, em diferentes suportes (papel, áudio, vídeo ou informático).

Apoiando-se em Rabello (2007), a concepção de Keegan acredita que a separação professor-aluno se dá no afastamento entre o ato de ensinar e o ato de aprender, o que para Keegan representa dois sistemas operantes da EaD: o subsistema de desenvolvimento de curso (ensino a distância) e o subsistema de suporte ao aluno (aprendizagem a distância).

A abordagem de Keegan (1997) é também caracterizada pela disponibilização de sistemas de comunicação bidirecional, de forma a que o estudante possa estabelecer diálogo com o professor, por iniciativa de qualquer um deles, e pela quase permanente ausência de encontros dos alunos com os seus colegas, dado que estes são habitualmente ensinados num processo individual e não de grupo, havendo, contudo, a possibilidade de reuniões ocasionais, presenciais ou através de meios eletrônicos, para fins didáticos ou de socialização.

3 GERAÇÕES DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

No entender de Gomes (2003), no que se refere ao campo da EaD, a questão do uso e do impacto das tecnologias é uma temática recorrente que se cruza com as mais diversas problemáticas, desde a própria definição de EaD até questões de modelos pedagógicos e organizacionais, definidos pelas diferentes instituições de ensino.

Nos domínios da EaD, o impacto das tecnologias nos seus modelos levou a alguns autores a responsabilidade de analisar e categorizar o processo de desenvolvimento da

disciplina (GARRISON, 1985; NIPPER, 1998). A essas propostas, deram o nome de Gerações de Inovações Tecnológicas da EaD.

Para Lagarto (2009), alguns marcos significativos no processo evolutivo da EaD provocaram alterações substanciais nos processos de ensino-aprendizagem, quer pela introdução de novos materiais de ensino e de valor formativo elevado, quer ainda pela melhoria das condições de interação entre os estudantes e os seus professores. Segundo Lagarto (2009), embora pareçam discutíveis essas categorizações, temos de reconhecer que, nos momentos em que foram introduzidas novas tecnologias no apoio ao ensino, potencialmente mais apelativas, foi possível melhorar os níveis de motivação dos estudantes, e particularmente os níveis de interatividade dos alunos e os materiais de aprendizagem.

Na visão de Garrison, “a natureza da comunicação mediada para a educação a distância enfatiza a necessidade de entender o impacto que as novas tecnologias tiveram nos métodos de desenvolvimento da educação a distância” (GARRISON, 1985, P. 235, tradução nossa).

Assim, explica Gomes (2003), o conceito de ‘geração de inovação tecnológica’ não é um conceito exclusivamente associado à tipologia das tecnologias adotadas, mas também aos modelos pedagógicos e comunicacionais preconizados nas iniciativas da EaD. Para Lagarto (2009), a interatividade mede-se não só através das relações com os materiais de ensino, mas também com o tipo e a qualidade de interação com a própria instituição professoral.

3.1 A PROPOSTA DE GARRISON (1985)

Garrison, em seu famoso “*Three Generations of technological innovations in distance education*” (Três gerações de inovações tecnológicas na Educação a Distância, tradução livre) (1985), considera três gerações de inovação tecnológica na EaD.

Garrison (1985) considera a primeira fase como a geração do ensino por correspondência, que se torna possível “após aliar à palavra impressa a possibilidade de um meio de comunicação bidirecional” (GOMES, 2003b, p. 138).

A segunda geração de Garrison (1985) é por ele designada como *telecommunications Generation* (geração das telecomunicações, tradução livre), abrangendo o período que recorre a novas tecnologias de comunicação eletrônica, tais como o telefone e teleconferência.

Por fim, a terceira geração, é designada, em Garrison (1985), por *computer Generation* (Geração dos computadores, tradução livre). Essa geração se baseia nas possibilidades de interatividade que se perspectivavam na época com o desenvolvimento dos computadores, particularmente nas vertentes do ‘ensino assistido por computador’ e da ‘inteligência artificial’.

Segundo Gomes (2003b), a falta de referência a mídias, como as emissões de rádio, vídeo e áudio cassete, explica-se pelo facto de Garrison conceber as gerações tecnológicas na perspectiva das modalidades de comunicação bidirecional disponíveis, pelo que estes *medias*, ao não possibilitarem a comunicação bidirecional, não são consideradas por Garrison (1985), sendo por isso incluídas numa categoria distinta que designou por *ancillary media* (mídias auxiliares, tradução nossa) (GARRISON, 1985).

3.2 A PROPOSTA DE NIPPER (1989)

Além da famosa proposta de gerações de inovações tecnológicas apresentada por Garrison (1985), frequentemente apresentada pela literatura (GOMES, 2003, 2003b; LAGARTO, 2009; etc.), também é comum deparar com a proposta de Nipper (1989).

Para Nipper (1989), a primeira geração é caracterizada pela utilização quase exclusiva dos documentos de suporte em papel e por uma relação pedagógica por correspondência. Para Gomes, “esta geração é caracterizada pelo recurso intensivo à palavra escrita ou impressa, através do correio postal, pelo que os contatos são escassos, com grande desfasamento temporal e essencialmente centrados na submissão de documentos para avaliação e recepção dos comentários por parte do professor” (GOMES, 2004, P. 153).

Por sua vez, a segunda geração é a caracterizada pela abordagem multimidiática, isto é, os conteúdos são difundidos através de meios diversificados e complementares: textos, áudio e vídeo.

Nipper (1989) considera que, do ponto de vista da comunicação entre alunos e professores e entre os próprios alunos, as diferenças entre a primeira e a segunda geração não são significativas, uma vez que esse componente do sistema – isto é, a comunicação – continua a ser marginal na generalidade das situações (GOMES, 2004, p. 154). No mesmo sentido, Williams (1999) entende que “essas duas gerações equivalem ao seu nível 1, de ‘interatividade passiva’, já que não há a possibilidade de contato em tempo real entre aluno e professor” (LAGARTO, 2009, p. 19).

Na perspectiva de Nipper, na primeira e segunda gerações tecnológicas, o processo de ensino-aprendizagem nos modelos de EaD é encarado como uma questão de ‘distância geográfica’ que é necessário ultrapassar e cuja resolução passa simplesmente pela implementação de meios efetivos de apresentação e distribuição de conteúdos, não sendo assim percebida a aprendizagem como um processo social que exige forte interação professor-aluno e desses entre si.

Segundo Gomes (2004), no que concerne à primeira e segunda gerações tecnológicas, e do ponto de vista da comunicação/interação entre os intervenientes do processo de EaD, não parece existir diferenças significativas entre Garrison (1989) e Nipper (1989). No entanto, no que concerne à terceira geração, algumas diferenças tornam-se evidentes.

Por fim, a terceira geração de Nipper (1985) é baseada nas tecnologias da comunicação telemática, na multimídia e na difusão via satélite (LAGARTO, 2009). No entender de Gomes (2004), a grande mudança da proposta de Nipper consiste na valorização da comunicação e da aprendizagem como um processo social, tratando-se de uma questão não só tecnológica, mas também institucional e pedagógica.

Ainda com Gomes (2004), a perspectiva de Garrison (1985) se baseia no uso de computadores como uma forma de aumentar a autonomia dos alunos, possibilitando, através de software adequado e do desenvolvimento de inteligência artificial, a criação de ambientes de aprendizagem individualizados, ricos em situações de feedback e capazes de emular ou substituir, em muitas situações, a interação professor-aluno. Por seu lado, Nipper (1989) reforça a importância do professor enquanto interveniente direto no processo de comunicação.

Isso implicará também em mudanças no papel do professor. O professor não será redundante na educação a distância de terceira geração. Ao contrário, o professor será, por diversos motivos, uma figura de extrema importância no processo do curso. Uma das consequências para o papel do professor como moderador do curso e do processo, provavelmente haverá uma fusão dos papéis do desenvolvedor acadêmico e do intermediário – o tutor. A prática tradicional de educação a distância tem sido baseada em uma divisão de trabalho muito hierárquica entre os especialistas no assunto e os intermediários pedagógicos (Nipper, 1989, p. 71, tradução nossa).

4 PRÁTICAS DE EAD NO SÉCULO XXI: CONCEITOS DA EDUCAÇÃO ON-LINE

Na visão de Moran (2002), a Educação *on-line* pode ser definida como o conjunto de ações de ensino-aprendizagem que são desenvolvidas através de meios telemáticos, como a internet, a videoconferência e a teleconferência.

(...) A educação online acontece cada vez mais em situações bem amplas e diferentes, da educação infantil até a pós-graduação, dos cursos regulares aos cursos corporativos. Abrange desde cursos totalmente virtuais, sem contato físico – passando por cursos semipresenciais – até cursos presenciais. A educação online não equivale à educação a distância. Um curso por correspondência é a distância e não é online. Por outro lado, não podemos confundir a educação online só com cursos pela Internet e somente pela Internet no modo texto (MORAN, 2002, p. 1).

Devido à sua atualidade, convém estabelecer os limites conceituais de Ensino remoto, *E-learning*, *B-learning*, *MOOC*, *M-learning* e *Microlearning*, abrangidos pela Educação *On-line*, de forma a esclarecer que não são terminologias sinônimas e podem, ou não, estar relacionadas com o conceito de EaD.

Recentemente, o mundo em pandemia da covid-19 teve que tirar partido dos recursos pedagógicos *on-line* com a adaptação das metodologias tradicionais de ensino. Enquanto modelos pedagógicos distintos, apesar da EaD utilizar as ferramentas das TIC, bastante exploradas na educação, não se define ou caracteriza pelo ensino remoto de uso emergencial. Enquanto o ensino remoto também faz uso da educação *on-line*, os modelos de interação e comunicação propostos e desenvolvidos na aprendizagem a distância se caracterizam pela organização sistemática de equipes de professores e outros profissionais no diagnóstico, planeamento, execução e avaliação do percurso educativo/formativo. Ao longo da pandemia de 2020, foram surgindo iniciativas que iriam se caracterizar nos limites da EaD, mas, em geral, a grande massa de professores regressou às suas práticas e rotinas ao final dos períodos de isolamento social.

A caminhar de mãos dadas com o conceito de Educação *On-line*, fenômeno do *e-learning* está relacionado com um novo cenário de utilização das tecnologias da informação e comunicação e vem se impondo em diversos domínios do ensino e da formação (GOMES, 2003). Segundo Rosenberg (2001), o *e-learning* é a utilização das tecnologias da Internet para distribuir um conjunto de soluções que permitem aumentar o conhecimento e as competências, seja a nível individual ou institucional. No entender de Lagarto (2009), o *e-learning* é resultado das potencialidades da Web, tanto no que se refere às suas interfaces e capacidades de interatividade, quanto pelo seu baixo custo de utilização.

Para Gomes (2003), existem muitos cenários de EaD que não cabem no conceito de *e-learning*, nem pelas tecnologias adotadas, nem pelos modelos de interação e comunicação que integram. “ O conceito de *e-learning* pode abarcar situações de apoio tutorial ao ensino presencial, em que o professor-formador-tutor disponibiliza materiais, sugere recursos e interage *on-line* com os alunos (esclarecendo dúvidas, fomentando debates, estimulando a colaboração online)” (GOMES, 2003, p. 234).

(...) Do ponto de vista da tecnologia, o *e-learning* está intrinsecamente associado à Internet e ao serviço da WWW, pelo potencial daí decorrente em termos físico, pela facilidade de rápida publicação, distribuição e atualização de conteúdos, pela diversidade de ferramentas e serviços de comunicação e colaboração entre todos os intervenientes no processo de ensino-aprendizagem e pela possibilidade de

desenvolvimento de ‘hipermídia colaborativos’ de suporte à aprendizagem (GOMES, 2003, p. 232).

Por sua vez, Lagarto (2009) considera o *blended-learning* (semipresencial, tradução livre) como uma modalidade do *e-learning* da educação formal. Entendido como regime misto, a formação é feita tanto em regime *e-learning*, a distância, quanto de forma presencial, utilizando metodologias dos regimes presenciais. Os recursos do *e-learning* e os modelos pedagógicos do *b-learning* podem garantir maior independência e autonomia aos alunos durante o processo de aprendizagem, mas não necessariamente se caracterizam nos desígnios da EaD.

Em acordo com Dal Forno & Knoll (2013), por MOOC, *Massive Open On-line Courses* (Cursos Online Abertos Massivos, tradução livre), se entende uma modalidade de educação a distância que tem se propagado por meio de plataformas virtuais específicas, espalhadas pelo mundo. Diferentemente dos cursos tradicionais de EaD, os MOOCs são abertos, ou seja, qualquer pessoa conectada à internet pode ter acesso, mediante inscrição em uma plataforma, não havendo critérios para a seleção de estudantes, exceto quando é indicada a necessidade de determinado conhecimento prévio, além disso, os cursos são maioritariamente gratuitos. Tendência educativa do primeiro quartel do século XXI, os MOOCs são intitulados massivos, alcançando muitas pessoas, com características institucionais e pedagógicas próprias do fenômeno da EaD.

O surgimento de diferentes dispositivos móveis, como celulares e *ipads*, estão a revolucionar a educação, permitindo o acesso dos alunos a um leque de conteúdos, fóruns de discussão e partilha de conteúdos, de rápido e fácil acesso. A *mobile learning*, ou *m-learning*, é a aprendizagem que acontece por meio de *smartphones* e da tecnologia 5G. A categoria tem causado expectativas da sua adoção na educação, presencial ou a distância, sobretudo, com a inclusão de mais um conceito da educação *on-line*, a *microlearning*.

Uma das novas tendências do *e-learning* em 2023 é a *microlearning*. Inicialmente utilizada na educação corporativa, a *microlearning* tem recebido atenções enquanto metodologia na educação formal, sobretudo por meio dos aparelhos celulares e da tecnologia 5G. Se traduzido para português, literalmente, estaríamos a falar de microaprendizagens, isto é, pequenas doses de conhecimentos e informações diárias, com apresentações de materiais curtos e objetivos, com a duração entre 2 a 8 minutos. A microaprendizagem tem sido bastante utilizada na aprendizagem de objetivos específicos, como memorizar uma informação ou encontrar ferramentas.

Apesar de parecidos, o termo *m-learning* não deve ser confundido com *microlearning*. O conceito de *m-learning* está relacionado às tecnologias *mobile*, como os telefones celulares, *tablets* e *ipads*; enquanto isso, *microlearning* se refere a um método de ensino com sessões de tempo reduzido.

Apesar da utilização corrente da terminologia apresentada, é importante os praticantes da EaD estarem atentos às suas diferenças conceituais e amplitudes nas linguagens da educação presencial ou à distância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EaD constitui um modelo pedagógico marcado pela separação espacial e/ou temporal, de alunos e professores no processo de aprendizagem, auxiliados pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC) – unidirecionais, bidirecionais e multidirecionais – planejados, elaborados e organizados por uma instituição de ensino responsável pela certificação das aprendizagens dos seus alunos.

Apesar de as teorias apresentarem as bases conceituais da EaD, elas foram exploradas a seu tempo, com os seus conceitos e características. A partir dos anos 2000, desde a massificação da internet e da criação de hardwares e softwares, surgiram novas oportunidades, desafios e perspectivas para a EaD. Os recentes avanços das ferramentas síncronas e a proximidade virtual nas práticas do ensino remoto emergencial, ao longo da pandemia da covid-19, obrigaram-nos a refletir sobre o sentido das teorias clássicas na atualidade e o seu potencial, mas não mais como uma mera adaptação do modelo presencial de educação, mas a partir dos seus próprios conceitos.

Em concordância com Lagarto (2009), o anúncio de mais uma geração de inovação tecnológica com a popularização da web 2.0 não se trata apenas de uma geração de software, mas também de uma era da democracia, economia, negócio, descentralização, empreendedorismo, partilha, comunidade e colaboração. A web 2.0 está assente em várias tecnologias, protocolos, linguagens, baseando o seu modelo na simplicidade, usabilidade, participação e tendo por base a filosofia da transparência, honestidade, confiança e reputação (LAGARTO, 2009).

O saber estar numa sala de aula presencial, em contato com todos os envolvidos no processo educativo, não é o mesmo que estar numa sala de aula virtual síncrona. Durante os períodos de isolamento social obrigatório da covid-19, no campo educativo, o mimetismo das práticas presenciais foi a solução emergencial, sem a oportunidade de reflexão sobre as práticas

da EaD. A utilização das mídias sociais nas atividades educativas daquele período, por si só, não conseguiu se definir com os princípios da EaD, considerando que a EaD é planejada, executada e avaliada por uma equipe com múltiplas competências e habilidades.

Sempre que surge uma nova tecnologia, a EaD está sempre pronta para aproveitar os seus recursos educacionais, assim como a educação presencial. Mesmo passado o período de isolamento social obrigatório, a EaD está em crescimento com a popularização da internet e os avanços das tecnologias da comunicação e da informação. Será que a ideia de democratização ao acesso à educação, através da EaD, forma pessoas com capacidade crítica ou apenas massifica uma instrução com pouca reflexão? Ao recorrer a Keegan (2013), antes de se pensar uma teoria da EaD é necessário se perguntar, é a EaD uma forma genuína de ensino e aprendizagem ou ela está tão só rendida ao grande mercado?

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **in Associação Brasileira de Educação a Distância**, 10(1), 83-93, 2011.
- ARETIO, L. Hacia una definición de Educación a Distancia. **In Boletín Informativo De La Asociación Iberoamericana de Educación Superior A Distancia**, 18(4), 1984.
- ARMENGOL, M. **Universidad sin classes. Educación a distância en América Latina** (1 ed.). Colômbia: Universidad Nacional Abierta, 1987.
- BATES, A. **Broadcasting in education: an evaluation**. London: Constable, 1989.
- BELLONI, M. **Educação a Distância** (3rd ed.). Campinas: Autores Associados, 2003.
- DAL FORNO, J. P.; KNOLL, G. F. Os moocs no mundo: um levantamento de cursos online abertos massivos. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 178–194, 2014.
- DIEHL, W. **Learning at the back door: Charles Wedemeyer and the evolution of the open and distance education**. PhD dissertation, The Pennsylvania State University, USA, 2011.
- GARRISON, R. Theoretical challenges for distance education in 21st century: a shift from structural to transactional issues. **in International Review Of Research In Open And Distance Learning**, 1(1), 2000.
- GOMES, M). Gerações de Inovações Tecnológicas. **in Revista Portuguesa De Educação**, 16, 137-156, 2000.

GOMES, M. E-learning: reflexões em torno do conceito. Minho: 2003. Retirado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2896/1/06MariaGomes.pdf>

HERMIDA, J., & BONFIM, C.. **A educação a distância:** história, concepções e perspectivas. In *Revista HISTEDBR*, (edição especial), 166-181, 2006.

HOLMBERG, B. **The feasibility of a theory of teaching for distance education and a proposed theory.** Hagen: Zentrales Institute für Fernstudienforschung, 1985.

HOLMBERG, B. **Theory and Practice of Distance Education.** New York: Routledge, 1985.

HOLMBERG, B. **Distance education in essence - An overview of theory and practice in the early twenty-first century** (2ª ed.). Oldenburg: Bibliotheks- und Informationssystem der Universität Oldenburg, 2003.

KAYE, A. & RUMBLE, G. **Distance Teaching for Higher and Adult Education.** London: Croom Helm, 1981.

KEEGAN, D. **The foundations of distance education.** Kent: Croom Helm, 1986.

KEEGAN, D. **On the nature of Distance Education.** Hagen: ZIFF, 1980.

LAGARTO, J. **Ensino a Distância em e-learning.** Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

MCISAAC, M., & GUNAWARDENA, C. **Distance Education. in Handbook of research for educational communications and technology:** a project of the Association for Educational Communications and Technology (2ª ED. P.403-477). Nova York: Simon & Schuster, 1996.

MOORE, M. Self-Directed learning and distance education. in **International Journal Of E-Learning & Distance Education**, 1(1), 7-24, 1986.

MOORE, M. **Theory of transactional distance.** Sl. 1997.

KEEGAN (ED.), **Theoretical Principles of Distance Education.**” (22-38). London: Routledge, 1997.

MORAN, J. **O que é educação a distância.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

MORAN, J. Contribuições para uma pedagogia da educação on-line. In SILVA (Ed.), **Educação on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa.** (39 – 50). São Paulo: Loyola, 2003.

PERRATON, H. **A theory for distance education.** Londres: Routledge, 2005.

PRYARI, D. Theory and Distance Education: At a Glance. **In 5th International Conference on Distance Learning and Education**. Singapura: IACSIT Press, 2011.

TRINDADE, A. - Educação e formação a distância. **In Educação a distância : percursos**. Lisboa: Universidade Aberta, p. 339-349, 2005.

RABELLO, C. **Educação a distância: conceitos e características**. Rabello (ed.), 2005.

SIMONSON, M. JIMONSON, M. **Does anyone really want to learn at a distance?** Iowa: Tech Trends 40 (5): 12. 1995.

WEDEMEYER, C. & CHILDS, G. **Novas Perspectivas no Estudo de Correspondência Universitária**. Chicago: Centro para o estudo da educação liberal para adultos, 1961.

WEDEMEYER, C. **Aprendendo na porta de trás**: reflexões sobre a aprendizagem não tradicional na vida útil. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1981.